

A ESTIMULAÇÃO PRECOCE COMO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA O ALUNO COM DEFICIENTE VISUAL

Shirley Maria Silva da Costa ¹

RESUMO

O presente artigo sobre “A estimulação precoce como processo de alfabetização para o aluno com deficiente visual”, tem como objetivo compreender os recursos pedagógicos utilizado pelo professor com os discentes cegos e baixa visão no ambiente escolar. Sendo assim, diante deste cenário este trabalho será uma pesquisa de campo fazendo uma análise para compreender os recursos sensoriais utilizados pelo docente alfabetizador de uma escola municipal no Cabo de Santo Agostinho-PE, com ênfase nas atividades para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com deficiência visual. Para tanto, a abordagem metodológica utilizada, de natureza qualitativa buscou entender a situação atual da escola pública sobre a temática inclusão escolar. Entretanto os resultados obtidos foram uma entrevista semiestruturada com 3 professores que têm na sala de aula estudantes com limitação na visão. Diante das informações obtidas, constatou-se que os recursos adaptados para os estudantes com deficiência visual é um grande desafio para os professores, mesmo assim estes recursos sensoriais têm facilitando uma aprendizagem significativa aos alunos com baixa e cegueira no processo de alfabetização. Conclui-se que a estimulação precoce deste de cedo na criança com deficiência visual vem facilitado para o seu desenvolvimento no ambiente escolar e principalmente nos seus estímulos para a sua vida em sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização. Deficiente visual. Inclusão. Aluno. Professor.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um direito garantido que qualquer pessoa com deficiência possa ser matriculada em escola regular. Assim, podendo aprender através de recursos pedagógicos adaptado na sala de aula. Neste sentido, no caso dos alunos com deficiência visual para o processo de alfabetização precisa de recursos sensoriais para o seu desenvolvimento como os estímulos que facilita os estudantes conhecer o mundo ao seu redor.

Neste contexto, a estimulação precoce na vida da pessoa com limitação na visão possibilita entender o mundo, e na questão de ensino oportuniza o aluno a aprender através

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA,
shirley07costa@gmail.com;

dos recursos sensoriais, como o aluno cego e baixa visão no processo de aprendizagem precisa aprender o método do sistema Braille que é código de leitura e escrita para o aluno ingressar no mundo.

Os programas de estimulação precoce ou essencial caracterizam-se como o conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo. (SEESP/MEC/UNESCO, 1995, p. 11).

Para tanto, o principal objetivo desta pesquisa foi responder às seguintes questões de compreender o processo de alfabetização dos alunos com deficiência visual na escola pública como também a formação do professor que atua com estes estudantes seu papel preponderante neste processo de inclusão.

Vale salientar que, o cenário educacional atualmente encontra-se em contínuo avanços e lutas de melhorias no ensino e aprendizagem dos alunos com deficiências visuais inseridos no ambiente escolar com profissionais que têm o conhecimento do Sistema Braille mais não são em todas escolas brasileiras este profissional da Educação. Assim, é preciso que todos os sistemas educacionais envolvam nesta causa que os direitos de aprendizagem sejam para todos os alunos independente de ter ou não alguma deficiência assegurando a educação de qualidade e eliminando as barreiras diante desses alunos.

Dessa maneira, justifica-se para aprofundar na temática de aluno com deficiência visual como professora deparei com uma criança cega na minha sala de aula e a escola pública não sabia o que fazer para o processo de aprendizagem deste aluno, foi quando busquei meio de saber como lida com este estudante fazendo o curso de Tiflogia aprende o Sistema Braille frequentando Associação de Pernambucana de Cegos - APEC ao ponto mim torna especialista na Educação da Deficiência Visual, hoje como especialista na área da pessoa com deficiência visual acredito numa sociedade inclusiva e que compreende a importância do papel docente na construção dessa sociedade, acredito ser de extrema relevância o estudo desse tema

Por fim, com este trabalho pretendemos apresentar alguns recursos de estimulação precoce para alfabetização dos estudantes com deficiência visual, como alguns pontos necessários à construção do processo de ensino e aprendizagem do aluno com cegueira e baixa visão e à prática de uma educação inclusiva que não respeite as diferenças dentro do ambiente escolar, mas também fora que ter o mesmo suporte a pessoa que tem alguma

2 METODOLOGIA

Neste capítulo abordaremos o percurso metodológico e os instrumentos utilizados para o desenvolvimento realizado desta pesquisa. Assim, o estudo foi do tipo qualitativa e quantitativo, analisando as perspectivas dos autores sobre a estimulação precoce com alunos com deficiência visual.

A abordagem metodológica adotada na pesquisa do tipo qualitativa, aqui empreendida, tem como subsídios teóricos as contribuições de Richardson (2008), Gil (2007), Yin (2005) e Bardin (2011) na aplicação do método de estudo de caso, das técnicas de apreensão de dados e de sua leitura, interpretação e análise.

[...] descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2008, p. 80).

Neste sentido, a pesquisa buscar trazer mais detalhe diante dos instrumentos escolhidos para a coleta de dados com entrevistas semiestrutura para os sujeitos envolvidos que atuam com estudantes com deficiência visual. Para o autor Ludke (1996) conceitua esse instrumento como “[...] técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.”

3 CONCEITUANDO A HISTÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Historicamente a educação da pessoa com deficiência visual iniciar nos séculos XVI e XVII, com os surgimentos de métodos para ensinar as pessoas cegas neste período histórico. Segundo Castro (apud SILVA 2008) foram utilizados recursos como gravação de letras em relevo, caracteres em madeira ou metal, etc. Apesar disso, esse método era limitado pois a pessoa com deficiência mais pobre não tinha nenhum acesso, só as pessoas

com deficiência que tinha um plano de aquisição financeira melhor podia ter acesso a este método.

Neste contexto, no ano de 1983 em Paris em fundar, a primeira escola para cegos em todo o mundo. Neste ano surgiu o primeiro livro onde as letras de escrita comum eram em relevo e podia ser diferenciada a partir do tato. Entre os anos de 1891 e 1909 foram inaugurados na Grã-Bretanha e no início do século XIX foram criadas várias escolas para cegos na Europa.

Outro fator importante na educação de pessoas deficientes visuais foi a criação do Sistema Braille, um código de leitura e escrita de pontos em alto relevo. Neste contexto, no ano 1825 o jovem Louis Braille um francês que ficou cego quando criança foi o criador deste sistema. Dessa forma, “Foi essencial o esforço perseverante dos cegos para impor o uso do tato na leitura através do sistema Braille.” (SILVA, 2008, p.55).

Vale salientar que, o sistema Braille chegou em 1850, através de José Álvares de Azedo, que era cego e instrutor de Braille e idealizou a primeira escola para cegos no Brasil. Esta escola denominada de Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, existente até os dias atuais, foi a única instituição responsável pela educação dos deficientes visuais no Brasil, até o ano 1926.

Para tanto, é importante destacar que o Instituto Benjamin Constant por ser um centro de referência no trabalho educacional dos deficientes visuais. A instituição possui uma escola que capacita profissionais para trabalhar na área de deficiência visual, com cursos nas diversas áreas da pessoa com baixa visão e cegueira.

Portanto a partir do século XX iniciou-se os movimentos de leis e decretos para a pessoa com deficiência e a partir desse cenário, surge, no mundo todo, a defesa de uma sociedade inclusiva. Na construção de uma sociedade inclusiva, buscando quebrar os processos de exclusão, houve a Conferência Mundial de Educação para Todos que aconteceu em Jomtien, em 1990 onde é apontado o alto índice de crianças e jovens sem escolarização e traz a necessidade de transformar os sistemas de ensino para que haja o acesso e permanência de todos na escola.

Em 1994, a UNESCO realiza em Salamanca na Espanha, a Conferência Mundial de Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, onde é proposta uma discussão mais aprofundada sobre a escola não acessível a todos. A partir das reflexões sobre as práticas educacionais que proporcionam desigualdades sociais, o documento

Declaração de Salamanca e Linhas de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais declara que as escolas comuns são um meio eficaz para combater a discriminação e afirmam que:

O princípio fundamental desta Linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos e zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1997, apud BRASIL, 2015a, p. 9).

Neste contexto, o autor destacar que a cada dia há um crescimento mundial na inclusão no Brasil e as leis e decretos da educação inclusiva têm facilitando o direito a pessoa com deficiência pode frequentar uma escola regular como qualquer outra criança sem deficiência, assim a ideia de uma sociedade inclusiva baseia no reconhecimento e na valorização da diversidade.

4 A ESTIMULAÇÃO PRECOCE E O ALUNO DEFICIÊNCIA VISUAL

A criança cega desde de cedo precisa de estímulos para compreender o mundo ao seu redor, sabe-se que são imprescindíveis para o seu desenvolvimento na vida escolar principalmente na fase da alfabetização. Para Rodrigues (2002) “não há movimento ou ação que não seja provocado por um estímulo”. Nesse sentido, é importante que o bebê ao entrar em contato com o mundo externo já vivencie experiências e estímulos como luzes e barulhos.

Neste sentido, uma criança estimulada logo cedo e motivada suas percepções com o universo é mais satisfatório, pois o aluno cego terá uma oportunidade consciente de entender as coisas a sua volta, como também a dimensão mais ampla das coisas e ajudará quando está criança com deficiência visual ingressar na escolarização.

Segundo Bueno (2003, p. 98) afirmam que “a estimulação multissensorial desde os primeiros momentos da vida é de extrema importância, embora por meio dela não se alcance um nível de desenvolvimento equiparável ao que seria conseguindo por meio da visão”.

Sendo assim, a estimulação precoce ou essencial proporcionará um maior contato com objetos que lhe favoreçam discriminar sons, odores, movimentos e a percepção tátil dos objetos de forma sistemática e intencional.

Para Bruno (1993, p. 9) “as necessidades básicas de recém-nascido são movimento, proteção, toque, cuidados de alimentação e higiene”. Dessa maneira, quando a criança apresenta alguma deficiência esses estímulos necessitam ser cada vez mais precisos e com o auxílio e apoio de profissionais especializados, o mais precocemente possível com o intuito de prevenir atrasos ou alterações decorrentes da deficiência.

De acordo com Rodrigues (2002) as crianças cegas apresentam significativos atrasos no desenvolvimento motor, cognitivo e adaptativo apresentando características comuns como a passividade, baixa atividade motora e tendência ao isolamento. Esse mesmo autor observou que crianças cegas não estimuladas precocemente desenvolvem com frequência distúrbios secundários à deficiência visual, tais como autismo e déficit cognitivo. Por fim, entende-se que a estimulação precoce diante do aluno com deficiência visual, tem facilitando na construção do conhecimento de modo geral, como os recursos pedagógicos adaptados na sala de aula, assim a estimulação procura despertar na criança o interesse pela descoberta do mundo, e principalmente na criança sua autonomia para sua vida.

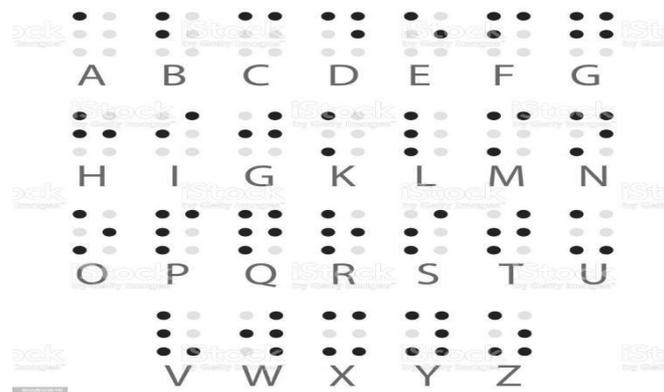
5 O DESAFIO DO ALUNO COM CEGUEIRA E BAIXA VISÃO NA ALFABETIZAÇÃO

A educação da pessoa com deficiência visual é um grande desafio, pois muito professor não tem conhecimento dos recursos pedagógicos para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com limitação na visão. Neste modo, a fase da alfabetização na vida do estudante com cegueira e baixa visão precisa tem a estimulação precoce, que vem facilitar para seus estímulos prevaletentes. A falta de visão retira da criança pequena o estímulo necessário para o movimento. Os movimentos reflexivos, quais sejam sugar, chorar, fechar e abrir os olhos, etc., aparecem espontaneamente, porém, a partir deles, há uma tendência a acomodação dos movimentos se não houver o estímulo adequado.

“Todos nós – bebês, crianças, adolescentes e adultos – estamos envolvidos no processo permanente de aprender a mover-se com controle e competência, em reação aos desafios que enfrentamos diariamente em um mundo em constante mutação”. (GALLAHUE e OZMUN, 2001. p. 98)

Para tanto, a alfabetização com criança cegas inicia-se a partir do método do relevo linear. Esta foi a primeira experiência significativa do período pré-braille, pois foi por meio dela que, pela primeira vez, as pessoas com deficiência visual foram inseridas na cultura alfabética. O sistema Braille é formado por seis pontos em relevo que formam a cela Braille composto pelos pontos (123456), que são denominados sinais fundamentais. Conforme ilustra na imagem 1 abaixo:

Imagem 1: Alfabeto em Braille



Fonte: <https://www.google.com/search?q=alfabeto+braille&tbm=isch&ved> Acessado: 23/06/21

Neste sentido, para fazer a escrita do sistema Braille utiliza-se uma reglete e punção que vai produzindo os pontos em alto relevo, também tem a máquina braille que podemos utilizar para a escrita deste código. Sendo assim, no caso da criança cega na alfabetização o professor deverá buscar novas formas de comunicação com este aluno, pois a partir das técnicas e recursos adaptados facilitar o acesso ao mundo letrado. A aquisição da escrita poderá favorecer a inserção no político e social, onde a pessoa se expressar com mais autonomia através dos novos conhecimentos adquiridos para o seu desenvolvimento e concepção do mundo.

O domínio da leitura e escrita “pode contribuir para que o sujeito seja capaz de expressar melhor suas opiniões, criticar, ampliar seus conhecimentos, perseguir seus direitos, desenvolver habilidades”. (LEITE, 2003, p.1),

Entretanto, o uso do sistema de escrita Braille pode-se compreender que contribuir na aquisição dos novos conhecimentos da criança cegueira e baixa visão, além de dar subsídios na sua autonomia para ler e escrever e principalmente se expressar no meio social.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo aborda a respeito dos recursos adaptados pedagógicos com os 3 (três) professores entrevistados diante dos alunos com deficiência visual que os docentes têm em sala de aula, a descrição dos dados colhidos para fazermos uma análise dos resultados obtidos. Além disso, buscou-se também nesta pesquisa trazer concepções e embasamentos teóricos sobre a tema estimulação precoce.

Para tanto, a pesquisa aconteceu em uma escola municipal do Cabo de Santo Agostinho, a mesma tem em torno 564 estudantes matriculados oferece turmas na Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, sendo 24 alunos com deficiência, no caso da pesquisa buscamos foca os alunos com deficiência visual que são 5 alunos, 3 estudantes com baixa visão e 2 cegas que estão matriculados no horário da manhã no ensino fundamental I.

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (BRASIL, 2001, p.19).

Neste sentido, os resultados obtidos foi uma entrevista semiestrutura com as 3 Professores para conhecer os recursos de estimulação precoce utilizados pela mesma para o processo de ensino aprendizagem dos alunos com deficiência matriculado na escola pesquisada.

Tabela 1: Questionário realizado aos Professores

Perguntas	Professores	Indagações
1. Você professora alfabetizadora já tinha trabalhados com alunos com deficiência visual?	Prof. 1	Não, já trabalhei com alunos autistas há 2 anos atrás, com alunos baixa visão está sendo um grande difícil.
	Prof. 2	Não, nunca imaginava ensinar crianças com cegueira.
	Prof. 3	Não, mais tenho mim dedicado para fazer o melhor com estes alunos com dificuldade na visão.
2. Quais foram os desafios enfrentados no processo de Alfabetização com os estudantes com deficiência visual?	Prof. 1	Para mim, foram vários desafios pois não sabia o que fazer para alfabetizar está criança que não consegue enxergar.
	Prof. 2	Com certeza, foi muito dificultoso pois nunca deparei com criança cega na fase de alfabetização.
	Prof. 3	Fiquei desesperada, pois não sabia como ensinar o alfabeto para este aluno que tem limitação na visão.
3. Você acha que a escola foi inclusiva e apoiou a professora dos alunos com limitação na visão?	Prof. 1	Sim, a escola convidou profissionais que lida com estudantes com deficiência visual para fazer formação.
	Prof. 2	Sim, a direção da escola comunicou a Secretaria de Educação do município para fazer capacitação com os professores que na sala de aula têm alunos com deficiência visual.
	Prof. 3	Sim, participarmos de formação e capacitação sobre a temática “O deficiente visual na escola”.
4. Quais os recursos de Estimulação Precoce utilizados com os estudantes com baixa visão e cegueira nas atividades realizadas na sala de aula?	Prof. 1	Os recursos adaptados que estimule na criança com deficiência visual o sentido tátil que facilite para o processo de aprendizagem como (jogos de encaixe, corda, lã, o pré Braille e etc.).
	Prof. 2	Eu trabalho com objetos concretos como a criança com deficiência visual não enxerga o mundo, gosto de trabalhar com os recursos que estimule seu tato como (tampinha de garrafa, recursos com diversas

		Texturas como também o alfabeto adaptado com alto relevo e o alfabeto em Braille).
	Prof. 3	Na capacitação que participei aprendi alguns recursos para trabalhar com a criança com deficiência visual, no meu caso algum que deu certo foram os pontilhados e o alfabeto em alto relevo pois vem facilita para eu ensinar o sistema Braille.
5. Você acha que os alunos com deficiência visual vem se desenvolvidos bem diante as atividades inclusivas proposta para eles?	Prof. 1	Sim, vejo o grande interesse dos alunos com deficiência visual e principalmente o apoio da família neste processo.
	Prof. 2	Com certeza, os alunos estão mais interessados em aprende o alfabeto e o sistema Braille com os recursos adaptados na sala de aula.
	Prof. 3	Sim, as crianças têm realizados as atividades com muito prazer e dedicação em aprender o sistema Braille e a família tem apoiado na escola e casa.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Neste sentido, na tabela 1 faz uma análise dos 3 professores e seu desempenho no processo de ensino e aprendizagem com os alunos com deficiência visual na escola pública. Assim, pode-se observar nas falas das professoras entrevistadas, que não se trata dos alunados com baixa visão e cegueira se adequar na escola, e garantindo-lhes o ingresso no âmbito escolar e a aprendizagem significativa. Para Bruno (1993), quando ressalta que nas atividades é importante considerar a criança cega enquanto sujeito, interagindo, comunicando-se, proporcionando mecanismos que desenvolvam aspectos cognitivos, sensório-motor, linguístico e conceitual, de mobilidade, de percepção, dentre outros

Por fim, é perceptível que as escolas públicas inclusivas ainda não estão preparadas para receber os alunos com deficiência visual e os professores estão desprezados diante das políticas públicas inclusivas. Assim mesmo, os decretos e leis de inclusão dar o direito que qualquer aluno com deficiência possa ser matriculado, ainda deparamos com profissionais que não saber o que fazer, mais quando acreditarmos em fazer a diferença na escola e as dificuldades acabam desencadeando lacunas, deixando de oferecer uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi possível compreender sobre o processo de estimulação precoce com os alunos com deficiência visual na escola pública, analisando a escola inclusiva é de fundamental importância a capacitação e formação do professor para o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização com os estudantes com limitação na visão. Sendo assim, o aprofundamento dessa temática trouxe grandes aprendizagens e permitiu perceber os elementos cruciais para a realização de uma efetiva educação inclusiva com o aluno com deficiência visual.

Neste modo, a pesquisa sobre a estimulação precoce e o ensino do sistema Braille requer professor com papel ativo e dedicado, para fundamental transmissão do conhecimento já existente da criança com deficiência visual, para o confronto com o conhecimento produzido, sem o foco na simples adaptação do sujeito às mudanças da sociedade. Portanto, não é o aluno cego que deve se adaptar à escola, mas a escola deve criar modos de ensinar que permitam o acesso deste aluno a todos os conteúdos escolares. Nesta perspectiva, através da análise dos dados como mostra na tabela 1, foi possível compreender nas falas dos 3 professores as atividades desenvolvidas com a criança com deficiência visual, como também os recursos adaptados de estimulação precoce para o processo de alfabetização com as crianças.

Vale salientar que, é possível fazer a diferença diante do aluno que tenham a limitação na visão, portanto, a estimulação precoce funciona como um processo facilitador no processo de desenvolvimento e ensino aprendizagem da criança cega e baixa visão, sendo necessária que estas atividades sejam desencadeadas com os profissionais capacitados em um trabalho conjunto entre escola-família.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUENO, J. G. S. **Inclusão/exclusão escolar e desigualdades sociais 2006**. Projeto de pesquisa. Disponível em:

<[Http://www4.pucsp.br/pos/ehps/downloads/inclusao_exclusao_escolar.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/ehps/downloads/inclusao_exclusao_escolar.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. **Orientações para Implementação da política da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** 1995.

Disponível

em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17237-secadi-documento-subsidiario-2015&Itemid=30192> Acesso em: 05 de jul de 2021.

_____. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LEI N° 13.146).** 2015.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 05 de julho de 2021.

BRUNO, M.G.B. **O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual. Da integração precoce a integração escolar.** São Paulo - SP Newswork, 1993.

GALLAHUE, David L. e OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos.** 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, C. G. **Alfabetização de Adultos Portadores de Deficiência Visual.** Revista Benjamin Constant. Edição 24 de abril de 2003. Disponível em: http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2003/edicao-24-abril/Nossos_Meios_RBC_RevAbr2003_Artigo_1.pdf Acesso: 27 de junho de 2021.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, Maria Rita Campello. **Estimulação Precoce: A contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida.** Revista IBC, Edição 21, abril de 2002. Disponível em <http://www.ibc.gov.br/>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Inclusão: uma questão, também, de visão. O aluno cego na escola comum.** João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.